

Após ataque às portas da Otan, surgem sinais de pacto

Apesar de ataque às portas da Otan, Kiev e Moscou sinalizam possível pacto

Bombardeio a 25 km da Polônia deixa 35 mortos; Rússia diz ter matado 180 'mercenários estrangeiros'

SÃO PAULO Forças russas lançaram vários ataques aéreos neste domingo (13) contra um centro de treinamento militar nos arredores da cidade de Ixiv, a menos de 25 quilômetros da fronteira com a Polónia —país membro da Otan (aliança militar ocidental).

O governador regional Maksim Kozitski disse que 35 pessoas morreram e 134 ficaram feridas após aviões russos dispararem cerca de 30 foguetes contra o Centro Internacional de Manutenção da Paz e Segurança de Ixiv. Ele acrescentou que alguns dos projéteis foram interceptados antes de atingirem seus alvos.

Os russos confirmaram que a investida deixou mortos, mas em número muito superior: 180 "mercenários estrangeiros", segundo o porta-voz do Ministério da Defesa, Igor Konashenkov. Moscou justificou o ataque como forma de destruir armas fornecidas por outros países e de desmobilizar o treinamento de sicários.

A instalação de 360 km² é uma das maiores da Ucrânia e a maior da parte ocidental do país. Instrutores militares estrangeiros já trabalharam na base, segundo o governo ucraniano — não ficou claro se algum deles estava lá no momento, mas, segundo a mídia ucraniana, eles já haviam

deixado o local em fevereiro. A afirmação parece correta porque a Ucrânia realizou a maioria de seus treinamentos com países da Otan antes do início da invasão russa, em 24 de fevereiro. Os últimos grandes exercícios no local foram em setembro. Apesar do ataque, Moscou e

“
A Rússia já está começando a falar de forma construtiva. Acho que alcançaremos resultados em questão de dias

Mikhailo Podoljako negociador ucraniano e conselheiro da Presidência

“
Esse progresso pode crescer em uma posição conjunta

Leonid Slutski negociador russo

Kiev deram neste domingo os sinais mais otimistas até aqui, dizendo que negociações podem levar a um acordo "nos próximos dias". A primeira manifestação do lado ucraniano veio de Mikhailo Podoljako, que participa dos diálogos e é conselheiro do presidente Volodimir Zelenski. Ele afirmou que a Ucrânia não pretende recuar, mas disse que os diálogos têm avançado.

"A princípio não vamos ceder em nenhuma posição, a Rússia agora entende isso. [Mas] a Rússia já está começando a falar de forma construtiva", afirmou em vídeo publicado em redes sociais.

"Acho que alcançaremos alguns resultados literalmente em questão de dias", disse ele. "Nossas demandas são o fim da guerra e a retirada das tropas. Vejo um entendimento e há um diálogo", escreveu ele na sequência.

Do lado russo, a agência RIA citou o negociador Leonid Slutski, para quem as tratativas tiveram progressos substanciais. "Segundo as minhas expectativas, esse progresso pode crescer nos próximos dias em uma posição conjunta de ambas as delegações, em documentos para assinatura."

Os EUA corroboraram a impressão de que a Rússia quer negociar. A Fox News, a vice-secretária de Estado, Wendy

Sherman, afirmou que os americanos estão vendo "alguns sinais de negociações sérias e reais". Mostra de que há negociações em andamento, representantes de Moscou e Kiev anunciaram que vão se reunir novamente nesta segunda (14), por videoconferência.

Ainda que os acenos a um acordo entre os dois países sejam positivos, eles contrastam com o ataque russo próximo à fronteira com a Polónia, especialmente preocupante pois o país vizinho é membro da Otan. Segundo o artigo "do tratado da aliança militar, a organização é obrigada a defender qualquer Estado membro que for atacado, algo que gera temores de uma Terceira Guerra Mundial."

O governo polonês tem insistido numa ação mais incisiva contra os russos. Neste domingo, o presidente Andrzej Duda disse que, se Moscou estiver usando armas químicas na Ucrânia, a Otan deve repensar seu papel no conflito, "porque fica perigoso não só para uma parte da Europa, mas para o mundo todo".

A afirmação veio após o comissário de direitos humanos do Parlamento da Ucrânia, Ljudmila Denisova, acusar a Rússia de usar munições de fósforo branco durante um ataque noturno à cidade de Popasna, no leste

do país. O material, solúvel em gordura, chega a queimar o corpo humano até o osso, e fragmentos de fósforo branco podem ainda entrar na corrente sanguínea e causar falência de múltiplos órgãos. O ataque deste domingo também preocupa porque cidades no oeste da Ucrânia

Rússia pede material militar a China, dizem autoridades dos EUA

A Rússia pediu que a China fornecesse equipamento militar e apoiasse na guerra na Ucrânia, relatou o jornal The New York Times a partir de autoridades americanas sob condição de anonimato. O Kremlin também teria solicitado assistência econômica à ditadura comunista, na tentativa de neutralizar as sanções impostas por países que se opõem à invasão russa. O porta-voz da embaixada chinesa em Washington, Liu Pengyu, disse à Reuters que nunca ouviu falar dessa história.

A prioridade de seu país, continuou, era assegurar que a situação ucraniana, "de fato desconcertante", não saísse do controle.

têm recebido a maioria dos civis que fogem das cidades mais atingidas no leste e no sul. Ixiv, a 40 km de distância da Polónia e próxima ao local do bombardeio, é o principal centro de trânsito para os refugiados que saem do país.

Segundo dados das Nações Unidas, dos 2,6 milhões de refugiados que deixaram a Ucrânia desde o início da guerra, 1,6 milhão atravessou a fronteira para a Polónia. A agência de notícias Reuters questionou o Kremlin sobre o ataque tão próximo à fronteira com um país membro da Otan, mas não obteve resposta.

Em entrevista à CNN, o conselheiro de segurança nacional da Casa Branca, Jake Sullivan, disse que o ataque da Rússia perto da fronteira polonesa reflete "sua crescente frustração com o ritmo da invasão".

Sullivan disse que Washington não tem planos de enviar forças militares americanas à Ucrânia, mas acrescentou que os EUA defenderiam "cada centímetro" do território da Otan, aumentando a assistência aos combatentes ucranianos, inclusive por meio do fornecimento de armas antiaéreas.

O envio de armas de potências ocidentais a Kiev, aliás, é um ponto importante para entender a ação russa deste domingo. No dia anterior, o vice-chanceler Sergei Riabkov havia alertado os Estados Unidos de que tropas russas poderiam atacar combóios que estivessem transportando armamentos para o país hoje invadido.

Assim, a declaração do porta-voz do Ministério da Defesa russo confirmou a intenção de concluir este objetivo ao atacar o Centro Internacional de Manutenção da Paz e Segurança de Ixiv.



Destroços no centro de treinamento militar em Ixiv, perto da fronteira com a Polónia, após bombardeios russos. BackAndAlive no Twitter/Reuters

Episódio perto da fronteira coloca conflito em novo patamar e gera temor de escalada

ANÁLISE
Igor Giclow

SÃO PAULO O ataque russo ao Centro Internacional de Manutenção da Paz e Segurança de Ixiv coloca o conflito na Ucrânia em um novo patamar, perigosamente perto do cenário mais tenebroso de todos, o de um embate entre Moscou e forças da Otan, a aliança militar ocidental. Em português, o risco de uma Terceira Guerra Mundial, nuclear como todos os lados já avisaram ser inevitável ao longo dessas semanas de crise. Se a hipótese já havia sido reintroduzida no cotidiano após 30 anos de dormência devido às ilusões

do fim da Guerra Fria, agora ela está colocada na mesa. Ao executar o ataque, Moscou deu materialidade à ameaça feita pelo vice-chanceler Sergei Riabkov na véspera, de que os combóios com mísseis antitanque e antiaéreos enviados pelo Ocidente para Kiev seriam alvos militares legítimos. Por óbvio, eles o são.

A Rússia está perdendo uma quantidade considerável de blindados em razão desses armamentos. O ataque foi um alerta: a base de Ixiv, a menos de 25 km da fronteira polonesa, é um dos centros de recebimento e distribuição pressurizados desses insusos letais. Local em que militares americanos ensinavam ucranianos a manejar o lançador

portátil de mísseis antitanque Javelin pouco antes da guerra, Ixiv é um dos pontos de contatos mais óbvios entre Otan e Kiev. Não será surpresa se algum dos mortos for ocidental, embora ninguém possa admitir isso.

A ação coincidiu também com relatos de que Kiev e Moscou podem estar próximos de fazer avançar algum acordo, então pode também ser lida como um risco no chão feito pelos russos a fim de manter o Ocidente de fora dos termos das negociações.

Se tivessem atacado um comboio, de resto o próximo passo lógico da escalada, os russos arriscariam matar algum polonês. O país vizinho, por sua longa história es-

magada entre os interesses da Alemanha e da Rússia, que lhe privaram a soberania várias vezes, é provavelmente o mais agressivo membro da Otan.

Foi em Varsóvia que se desenhou o plano de enviar sua frota de 28 caças MIG-29 para Kiev usar na guerra, só para ser refutado pelos EUA. E de lá também que saem os pedidos mais insistentes para que o apelo de Volodimir Zelenski para que o Ocidente implante uma zona de exclusão aérea na Ucrânia seja ouvido.

Novamente, recebeu uma negativa da Otan, baseada na admissão cãndida de que tal medida levaria a uma Terceira Guerra com a maior potência nuclear do mundo. Ainda assim, as engrenagens da guerra não param. Neste domingo (13), o presidente polonês, Andrzej Duda, um líder quase tão liberal quanto Jair Bolsonaro ou o vizinho húngaro Viktor Orbán ou o rival Vladi-

mir Putin, disse em uma entrevista que a Otan deveria considerar ir à guerra caso fossem usadas armas de destruição em massa na Ucrânia.

Os EUA já deslocaram duas baterias antiaéreas Patriot para a Polónia. Não se sabe o status operacional delas, mas basta um dos caças ou aviões de ataque que dispararam contra Ixiv escapar um pouco de sua trajetória e cruzar o espaço aéreo polonês para o relógio adiantar um minuto rumo ao conflito maior.

Durante a crise dos mísseis de Cuba em 1962, o presidente John Fitzgerald Kennedy mandou distribuir entre todos os comandantes das Forças Armadas dos Estados Unidos o livro "Os Canhões de Agosto", publicado naquele ano pela historiadora americana Barbara Tuchman. A obra resume, de forma concisa e brilhante, como cada fator da crise que levou à Primeira

Guerra Mundial em agosto de 1914 se moveu como uma peça autônoma de uma grande engrenagem, ignorando consequências de suas decisões.

Políticas de alianças rígidas, certezas obsoletas e percepções incorretas fizeram ao fim do mundo desabar no grande conflito, que só teve seu desfecho na ainda mais mortífera Segunda Guerra Mundial 25 anos depois. Ao fim, ambos os conflitos colheram algo como 100 milhões de almas.

Não se sabe se os militares de Kennedy leram o livro, mas aquele momento acabou com a assertiva do presidente: "Não entraremos em guerra", disse, desafiando o maquinário fardado que jogava Washington em um conflito nuclear.

Quase 60 anos depois da crise de Cuba, alguém deveria ler cópias do livro de Tuchman para Putin, Joe Biden, Duda, Zelenski e tantos outros.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mundo **Caderno:** A **Página:** 7